

Risco de estourar orçamento

BRASÍLIA — O ministro da Fazenda, Rubens Ricupero, tem revelado a assessores como está impressionado com o aumento dos gastos com a saúde nos últimos meses, prevendo que, a qualquer momento, este item da despesa governamental estoure o orçamento. Segundo dados da Secretaria do Tesouro, nos últimos quatro meses 67% dos recursos de custeio da máquina pública foram para a saúde. “O aumento desproporcional das despesas está emperrando as outras ações do governo”, comentou um auxiliar do ministro.

Em abril, o Tesouro liberou CR\$ 589 bilhões para o Ministério Saúde, enquanto todos os outros ministérios e órgãos públicos receberam CR\$ 530 bilhões. A média mensal de liberações tem atingido os US\$ 500 milhões mensais. “Como o direito à saúde é universal no país, cada um dos 150 milhões de brasileiros é um ordenador de despesas do Tesouro”, compara um assessor de Ricupero.

No governo Collor, o orçamento da saúde caiu de US\$ 11,3 bilhões em 1989, último ano do governo Sarney, para US\$ 9,4 bilhões em 90, US\$ 7,8 bilhões em 91 e US\$ 6,5 bilhões em 92. No governo Ita-

mar, as despesas subiram para US\$ 8,8 bilhões em 93 e a previsão para este ano é de US\$ 12,2 bilhões, batendo o recorde do governo Sarney. O que irrita ainda mais o ministro, e também o presidente, é que, apesar de ter destinado mais recursos que seus antecessores à área, a rede conveniada já fez duas greves neste governo.

Inquieta também a área econômica o fato de que as despesas com a saúde estão se tornando um gasto sem previsão. Ninguém sabe, a rigor, quanto será gasto no mês seguinte. “Há um excesso de internações, o que aumenta os indícios de fraudes no SUS”, revelou o assessor. “Numa cidade do interior, metade da população foi internada num hospital.” As maiores suspeitas de fraude recaem sobre as Autorizações para Internação Hospitalar (AIHs) e as Unidades de Consulta Ambulatorial (UCAs), cheques em branco passados a hospitais conveniados.

A equipe econômica está convicta de que o ministro da Saúde, Henrique Santillo, não coopera na redução dos gastos. “Ele faz o jogo dos donos de hospitais”, acusa um integrante da equipe.